



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DE PSICOLOGIA

ABILENY BARBOSA DE ARAUJO SERRÃO

**HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com pais de crianças com diagnóstico de
Transtorno do Espectro Autista**

São Luís
Março/2021

ABILENY BARBOSA DE ARAUJO SERRÃO

**HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com pais de crianças com diagnóstico de
Transtorno do Espectro Autista**

Monografia apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Catarina Malcher Teixeira.

São Luís
Março/2021

Ficha catalográfica

ABILENY BARBOSA DE ARAUJO SERRÃO

**HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com pais de crianças com diagnóstico de
Transtorno do Espectro Autista**

Monografia apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Catarina Malcher Teixeira.

São Luís, 29 de março 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Catarina Malcher Teixeira - Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá – 1º membro
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Daniel Carvalho de Matos – 2º membro
Centro Universitário do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Rosana Mendes Eleres de Figueiredo - Suplente
Universidade Federal do Maranhão

São Luís

Março/2021

AGRADECIMENTOS

Cada acadêmico tem uma história única e peculiar no percurso estudantil. Quando chega este momento, de agradecer a todos e por tudo que ocorreu na jornada, vem a difícil pergunta: como fazer uma homenagem digna, sincera e justa para todos que tornaram possível finalizar a graduação? Aí está uma pergunta que não faço ideia da resposta. Mas posso me arriscar a fazer os agradecimentos mais sinceros e o reconhecimento a tantos quanto estiveram ao meu lado, seja de longe ou de perto. Não poderia incluir a todos, pois falharia em tal propósito. Mas posso começar reconhecendo a quem devo toda honra e glória por tudo em minha vida. Ao meu Deus, que seja sempre todo meu louvor e adoração, agradeço a Ele pela maior benção, a vida. Obrigada meu Deus, por me permitir alcançar meus sonhos.

Este trabalho que marca o final de uma etapa importante e necessária, tem muito mais da minha família do que eu consigo explicar. Agradeço imensamente e dedico todas as minhas conquistas aos meus filhos, Arthur hoje com 7 anos e Alysson com 2 anos, que em meio a graduação e estágios, chegaram para ser o maior amor da minha vida. Vocês motivam a minha busca por conhecimento e intensificam o meu desejo de superar os desafios da vida adulta. Meus filhos a vocês que me fortaleceram com cada gesto que emitiam, nas longas noites em que eu mal podia levantar da cadeira para olhá-los antes de dormir, esse trabalho é para honrar vocês. Agradeço ao meu amor, meu esposo Ayrton, que nunca soltou minha mão. Mesmo quando nem eu queria manter-me na estrada, você estava lá, firme e seguro de que eu iria conseguir. Te amo Ayrton e sei que sem você não conseguiria avançar para este sonho, já somamos 9 anos que decidimos viver um para o outro e tem sido a melhor escolha que fiz.

Para as pessoas que desde os primeiros passos de vida tem me acompanhado e apoiado, tem demonstrado amor e cuidado comigo e minha família, meus amados pais e irmãos. Não conseguirei retribuir nem que viva mil vidas, o que fizeram por mim. Minha querida mãe, você me ensinou a ser forte, paciente e não desistir do que acredito, mesmo que o tempo não esteja ao nosso favor, você sempre diz: *“No tempo certo tudo acontece, Deus tem seus planos basta entregar nas mão Dele e fazer a tua parte”*. Mamãe eu te amo muito e sei que suas orações, idas e vindas do interior para nos socorrer quando as coisas saíam do controle, jamais será esquecida. Tenho tanto orgulho de ser parecida com você dona Pedrina. Papai você sempre será meu herói. Com você aprendi tanto e sua influência foi forte na minha vida. Obrigada por me ensinar a trabalhar muito para alcançar os objetivos

e por comprovar que nunca é tarde para mudar, melhorar em todos os aspectos da vida, seja pessoal ou profissional, você me mostrou com seu exemplo que é possível aprender algo novo, colocar em prática todo o conhecimento adquirido, independentemente do tempo que leve para que aconteça. Você sempre diz que podemos aprender mais e ser melhores. Te amo seu Antonio você é o melhor pai do mundo.

O que falar de vocês meus irmãos, Abigail (a irmã mais velha) e Adonias (o irmão mais novo). Com vocês minha caminhada sempre teve mais cor, mais sorrisos, algumas briguinhas e muito carinho. Sou muito feliz pela união e cumplicidade que temos, vocês são meu porto seguro. Amo vocês infinitamente e tenho muito orgulho dos seres humanos que se tornaram, amo a família que vocês construíram. Agradeço a Deus pelos sobrinhos mais lindos, zuadentos e alegres que ganhei, são meus filhos de outras barrigas. Quando os 5 netos da família Araujo se encontram, não tem quem segure, tudo vira uma verdadeira festa.

Poderia citar nome a nome para agradecer aos familiares que torceram e contribuíram para minha formação, mas como nossa família é enorme, quero citar e com muita justiça minha Tia quase mãe, Edilene Barbosa. Tenho com você a maior dividida de gratidão dos últimos anos, você abdicou do seu descanso e tempo livre, para cuidar dos meus filhos com muito amor e zelo. Só foi possível voltar após cada gestação e continuar os anos da graduação, estágios e trabalho, por sua causa, por saber que meus filhos estavam sob seus cuidados, Tia você foi minhas mãos, olhos e colo para os meninos, muito obrigada! Meus avós, tios e tias, primos, minha querida sogra e cunhados, todos que carregam seja no sangue ou no sobrenome algum vínculo familiar, sou muito grata pois, sei que estavam torcendo e transmitindo forças para eu prosseguir.

Reservo também minha homenagem e agradecimento, aos meus pastores, em especial ao Pr. Osiel Gomes e sua família, sei que sempre intercede e zela por nossa vida e através dos seus ensinamentos temos fundamentado nossa fé. Agradeço também a nossa amada igreja Assembleia de Deus em Tirirical, tenho amigos que se tornaram irmãos. Minha família para a eternidade que sempre tem nos acolhido e acompanhado desde a infância.

Meu agradecimento se estende carinhosamente para a comunidade acadêmica, sou muito feliz em ter buscado minha graduação na UFMA, foi aqui que tudo aconteceu e me formei não só em Psicologia, mas principalmente, numa pessoa diferente, um ser humano com um novo olhar. Assim como diversos alunos que entram empolgados e cheios de planos, lá estava eu em 2011, entrando na Universidade para cursar Pedagogia e após dois períodos maravilhosos nesse curso, fui aprovada pelo curso de Psicologia, algo que queria muito, apesar de pouco saber sobre essa área profissional. A partir de então minha história

acadêmica foi transformada, agradeço as duas turmas que me acolheram na graduação: a que fui caloura e tive que deixar após o nascimento do Arthur em 2013, Turma de 2012.1, fiz amigos que levo para a vida. E a turma de 2013. 1, que me acolheu quando voltei em 2014, me senti aconchegada e graças a vocês, tive forças para voltar a estudar, mesmo deixando um bebê em casa. Todas as longas tardes de aula e os diversos trabalhos que nos moldaram e transformaram em psicólogos, com base teórica e prática para seguir profissionalmente. Sou eternamente grata aos amigos que conquistei e que estão presentes sempre me apoiando.

A todos os professores do Currículo 20 com quem tive aulas, tenho enorme agradecimento por compartilharem comigo anos de estudos, pesquisas e muitas experiências. Meu aprendizado foi enorme graças a dedicação de toda a classe docente do curso. Quero destacar alguns nomes que marcaram profundamente minha história acadêmica. Agradeço imensamente ao professor Lucas Sá que após as cadeiras de Psicometria e Técnicas de Exames I e II, nos colocou em contato com um primeiro “cliente” para uma avaliação psicológica. Lembro que após esse trabalho me senti tão entusiasmada e com a certeza de que estava na profissão certa. Professora Nazaré Costa que em Teorias do Comportamento III, suscitou em mim o desafio de aprender sobre Análise do Comportamento e a cada aula que assistia ficava deslumbrada por esta ciência, a partir daí meu desejo de continuar aprendendo e colocando em prática os fundamentos só tem aumentado. Meu carinho e imenso agradecimento a professora Larissa Lacerda, que apesar de ter ministrado apenas uma cadeira de férias, me apresentou o universo do trabalho com Análise do Comportamento Aplicada, o trabalho com crianças com TEA e outros atrasos do desenvolvimento. A ela devo minhas escolhas de atuação, meu primeiro estágio e todo o aprendizado inicial da área.

Reservo agora as próximas linhas, que jamais serão suficientes, para demonstrar todo meu agradecimento e afeto à professora Catarina Malcher. Minha admiração já era grande apenas pelas histórias de corredores e desde então só tem crescido. Não por acaso escolhi o estágio clínica Infantil sob sua supervisão e a orientação para a monografia. Toda sua disposição em ensinar, corrigir e aperfeiçoar meu aprendizado, marcaram meus últimos anos. Posso dizer sem nenhuma dúvida que devo a finalização desse processo a você, e que a sua ajuda, conselhos e otimismo foram essenciais. Querida você me surpreendeu indo além do que eu imaginava de uma orientadora acadêmica, atendeu-me ora como professora, ora como amiga, em outros momentos como conselheira me dando sempre ferramentas para ultrapassar cada situação que a pesquisa apresentava. Obrigada Catarina por tudo que

desenvolvemos juntas nesse trabalho, meu desejo é que seja apenas o fim de um ciclo acadêmico e o início de outras conquistas.

Agradeço também aos amigos Psicólogo Yuri Pacheco e Psicóloga Adriana Lobão, que com suas colaborações me ajudaram a construir tabelas e documentos, responderam as intermináveis perguntas e chamadas no *whatsApp*, sou muito grata a vocês. Minha querida amiga Psicóloga Patricia Araujo, nossa amizade teve início no estágio do Centro de Mães (antigo Ilha Azul), e desde então temos compartilhado conhecimento, afeto e ajudas mútuas.

Aos professores da banca sou imensamente grata por aceitarem avaliar meu trabalho e dar diversas contribuições para meu crescimento na área da pesquisa, fiquei muito feliz por tudo que li nas considerações. Sou grata pela paciência que tiveram para acertarmos a defesa, e mesmo com várias mudanças de dias e horários, vocês não me abandonaram, muito obrigada. A Coordenação do Curso de Psicologia, o Departamento de Psicologia e Coordenação de TCC, parabênizo e agradeço a todos pelo trabalho maravilhoso que nos prestam, somos muito bem amparados e instruídos por vocês.

Por fim, agradeço aos pais participantes da pesquisa, as clínicas através de seus coordenadores que disponibilizaram tempo para envio dos instrumentos. Agradeço a todos que direta ou indiretamente tornaram possível a realização do meu sonho de graduar em Psicologia. A palavra gratidão está muito presente em minha vida pois sei o quanto custou chegar até aqui e o quão longe ainda sonho em ir. Obrigada!

“Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente.”

B. F. Skinner

RESUMO

A literatura tem apontado a influência das Habilidades Sociais (HS) dos pais sobre o desempenho social dos filhos e sabe-se que dentre os déficits de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem-se os de HS. Assumindo que os pais são os primeiros modelos de comportamentos sociais que a criança tem acesso estudos nessa direção podem auxiliar o desenvolvimento social de crianças com TEA. Neste sentido, o objetivo desse estudo é analisar o repertório de HS de pais/responsáveis de crianças com TEA e os específicos são: caracterizar déficits e recursos de HS e relacionar as variáveis HS e idade de pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA. Participaram da pesquisa 45 pais/responsáveis (42 mães e 3 pais), com idades entre 18 a 59 anos, de crianças com diagnóstico de TEA e que estavam sob intervenção terapêutica da Análise do Comportamento Aplicada - ABA. Para coleta de dados utilizou-se o Inventário de Habilidades Sociais 2 - IHS2-Del-Prette e um Protocolo de Caracterização Individual - PCI. Para análise dos dados utilizou-se o programa JASP 0.14.0.0. Foram realizadas análises estatísticas descritivas das variáveis sexo, idade, formação acadêmica, escores gerais e fatoriais da amostra, e análises inferenciais de correlação entre as variáveis HS e idade. Os principais resultados indicam que os pais/responsáveis (mães) possuem repertórios variando entre elaborado e altamente elaborado de HS. Já os pais/responsáveis (pais) apresentou repertório elaborado e bom repertório de HS. Contudo, os resultados da análise por fatores apontou déficit na subclasse de habilidades - Expressão de sentimentos positivos. Quanto aos dados de correlação entre HS e idade dos pais identificou-se que quanto maior a idade, maior o autorrelato de repertório de HS. Conclui-se que, mesmo com dados de autorrelato de repertório bom e elaborado de HS para escore geral, há necessidade de avaliação específica para a HS de Expressão de sentimentos positivos com fins de Treinamento de Habilidades Sociais – THS. Indica-se pesquisas sobre relação entre HS dos pais/responsáveis e HS de crianças com TEA; HS dos pais/responsáveis e variáveis sociodemográficas e; avaliação de HS de pais/responsáveis por meio de outros instrumentos e recursos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista - TEA. Habilidades Sociais. Análise do Comportamento Aplicada - ABA. Práticas parentais.

ABSTRACT

The literature has pointed out the influence of the Social Skills (HS) of parents on the social performance of their children and it is known that among the deficits of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) there are those of HS. Assuming that parents are the first models of social behaviors that the child has access to studies in this direction can help the social development of children with ASD. In this sense, the objective of this study is to analyze the HS repertoire of parents / guardians of children with ASD and the specific ones are: to characterize HS deficits and resources and to relate the HS variables and age of parents / guardians of children with ASD diagnosis. The study included 45 parents / guardians (42 mothers and three fathers), aged between 18 and 59 years, of children diagnosed with ASD and who were undergoing therapeutic intervention in the Applied Behavior Analysis - ABA. For data collection, the Social Skills Inventory 2 - IHS2-Del-Prette and an Individual Characterization Protocol - PCI were used. For data analysis, the program JASP 0.14.0.0 was used. Descriptive statistical analyzes of the variables sex, age, academic background, general and factorial scores of the sample, and inferential analyzes of correlation between the variables HS and age were performed. The main results indicate that fathers / guardians (mothers) have repertoires ranging from elaborate to highly elaborated HS. The parents / guardians (parents) presented an elaborate repertoire and a good repertoire of HS. However, the results of the factor analysis showed a deficit in the skills subclass - Expression of positive feelings. As for the correlation data between HS and parents' age, it was found that the older the age, the greater the self-report of HS repertoire. It is concluded that, even with self-reported data from a good and elaborate repertoire of HS for general score, there is a need for a specific assessment for HS of Expression of positive feelings for the purposes of Social Skills Training - THS. Research is indicated on the relationship between HS of parents / guardians and HS of children with ASD; HS of parents / guardians and sociodemographic variables and; HS evaluation of parents / guardians using other instruments and resources.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder - ASD. Social skills. Analysis of Applied Behavior - ABA. Parenting practices.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados sociodemográficos da amostra	27
Tabela 2 – Interpretação dos dados segundo o manual do IHS2	29
Tabela3 – Distribuição da amostra por sexo e idade	31
Tabela 4 – Resultados em percentis do EG e EF do G1 – mulheres de 18 a 38 anos	32
Tabela 5 – Resultados em percentis do EG e EF do G2 – mulheres de 39 a 59 anos	34
Tabela 6 – Resultados em percentis do EG e EF do G3 – homens de 18 a 38 anos	35
Tabela 7 – Resultados em percentis do EG e EF do G4 – homens de 39 a 59 anos	37
Tabela 8 – Correlação entre HS e a idade da amostra	38

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ABA - Análise do Comportamento Aplicada

AC - Análise do Comportamento

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CS - Competência Social

DP - Desvio Padrão

DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5

DTT - *Discrete Trial Training* - Ensino por Tentativa Discreta

EF - Escore Fatorial

EG - Escore Geral

HS - Habilidades Sociais

HSE - Habilidades Sociais Educativas

PCI - Protocolo de Caracterização Individual

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro Autista

THS - Treinamento de Habilidades Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO	18
2.1 Transtorno do Espectro Autista e a utilização da ABA.....	18
2.2 Habilidades sociais: considerações gerais.....	22
2.3 Habilidades Sociais de pais e a importância no desenvolvimento de crianças com TEA.....	25
3 OBJETIVOS	28
3.1 Objetivo Geral.....	28
3.2 Objetivos Específicos.....	28
4 MÉTODO	29
4.1. Delineamento do estudo.....	29
4.2. Aspectos éticos.....	29
4.3 Amostra.....	29
4.4. Instrumento.....	30
4.5 Procedimento.....	31
4.5.1. Análise de dados.....	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

A literatura (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2010; MINETTO et al., 2012; STASIAK et al., 2014) aponta a influência dos comportamentos dos pais no desenvolvimento do repertório comportamental dos filhos. Nesse sentido, o presente estudo tem como tema as Habilidades Sociais (HS) de pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista – TEA¹, com fins de fornecer elementos a pesquisas futuras sobre a influência deste no desenvolvimento social da criança e verificar a necessidade de Treinamento de Habilidades Sociais - THS como um recurso de intervenção.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014) o Transtorno do Espectro Autista - TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, dentre as características comportamentais observa-se: deficiência ou ausência de linguagem, dificuldade nas interações sociais com contato visual pobre, deficiência nas relações sociais ou nas brincadeiras sociais com os pares, baixa reciprocidade emocional e padrões de comportamentos estereotipados e interesses restritos. O autismo é uma condição crônica e são identificados frequentemente prejuízos em áreas como linguagem e habilidades sociais.

Eventos interpessoais ocorrem em diferentes contextos, como o familiar, escolar, de lazer e o profissional. Cada contexto impõem inúmeras demandas, que exigem um bom ou elaborado repertório de habilidades sociais dos indivíduos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018). Diante do exposto, Bolsoni-Silva e Carrara (2010) afirmam que o repertório de habilidades sociais educativas dos pais, pode inspirar a qualidade e intensidade do desenvolvimento destes com os filhos com algum tipo de atraso no desenvolvimento e, em consequência, o tipo de interação educativa que abordam no relacionamento com eles. Em contrapartida, os pais que demonstram dificuldades interpessoais poderão prejudicar a qualidade dessa relação, além de dar modelos inadequados de habilidades sociais.

Quando a criança tem modelos poucos construtivos de pais poderá mostrar prejuízos no seu desenvolvimento, além de estar vulnerável nos diversos ambientes sociais. Por outro lado, pais socialmente habilidosos, que desenvolvem um ambiente acolhedor, organizam ambientes apropriados aos mecanismos resilientes e de proteção perante fatores e situações ameaçadoras as quais, constantemente, as crianças estão expostas, ampliam repertórios socialmente competentes (CARDOZO; SOARES, 2011). Portanto, vale ressaltar a

¹ TEA e autismo são usados no estudo como sinônimos levando em consideração ao que o DSM-5 (APA, 2014) coloca sobre o TEA englobar os transtornos antes chamados de autismo precoce, autismo infantil, etc.

importância do desenvolvimento de HS dos pais que têm filhos com TEA, a fim de tornar estes indivíduos mais funcionais nas relações interpessoais.

Muitos indivíduos com TEA têm dificuldade de realizar algumas tarefas simples, relacionadas ao auto cuidado e autonomia da criança. O estudo de Faro (2019) aponta que há uma sobrecarga maior nas mães, que mais frequentemente é quem se responsabiliza pelo cuidado dessa criança. A família sofre diversas alterações no funcionamento e dependendo do nível de comprometimento o impacto pode ser maior na relação familiar, assim é importante saber quais habilidades os pais dispõem para lidar com as demandas que surgem cotidianamente.

O estudo de Habilidades Sociais Educativas (HSE), tem grande relevância, pois torna possível, prevenir e/ou remediar situações problemáticas durante o desenvolvimento do indivíduo, através de intervenções que buscam desenvolver, ou mesmo instalar, habilidades necessárias ao convívio social do qual faz parte (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2010). O contexto familiar apresenta diversas possibilidades de desenvolver habilidades durante as relações interpessoais dos pais com os filhos. Assim, a proposta de investigar na literatura as Habilidades Sociais dos pais de crianças diagnosticadas com TEA, traz para a pesquisa fundamentação teórica das relações familiares.

Dados produzidos por pesquisas como esta possibilitam caracterizar as HS dos pais/cuidadores das crianças diagnosticadas com TEA, apresentando resultados, que venham auxiliar em propostas de intervenção, para melhorar o relacionamento familiar e o desenvolvimento das crianças. Em síntese, eles trazem informações necessárias para conhecer o repertório dos pais e assim, instrumentalizá-lo no sentido de contribuir para o desenvolvimento da criança e para a qualidade da adesão ao tratamento, constatando a função social do pesquisador analista do comportamento.

Ao identificar as HS dos pais, os recursos e déficits que estes apresentam nas interações sociais, supõe-se que seja possível intervir para tornar mais habilidosa a relação que estes mantêm na sociedade. Repertórios bem elaborados de HS trazem a suposição de que há uma facilitação no processo de busca por recursos para seus filhos, no engajamento das atividades educativas e de saúde, elementos que são necessários para um desenvolvimento mais adequado e em relações sociais saudáveis que ocorram ao longo da vida criança. O TEA está entre os transtornos de maior incidência na população infantil atualmente. Portanto, faz-se necessário pesquisas que mostrem os repertórios parentais que estão envolvidos nas famílias. Neste sentido, a principal pergunta deste estudo é: *Qual o repertório de HS de pais/responsáveis de crianças com TEA em acompanhamento*

terapêutico - ABA? As variáveis de idade e HS apontam alguma diferença entre pais de crianças com TEA?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Transtorno do Espectro Autista e a utilização da ABA

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é classificado pelo DSM-5 (APA, 2014) como um transtorno do neurodesenvolvimento, que apresenta: a) déficit na comunicação social e interação social; b) padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades com c) sintomas² presentes precocemente durante o desenvolvimento e que causam prejuízos significativos no funcionamento social, profissional ou de áreas importantes da vida do indivíduo. Esse transtorno passou a ser definido como espectro, a partir do DSM-5, sendo entendido como um conjunto de manifestações de ampla variabilidade, que apresenta as diversificações tanto no grau de acometimento, quanto nos prejuízos particulares de indivíduo para indivíduo, em diferentes áreas do desenvolvimento (VARELLA; AMARAL, 2018). Dessa forma, o TEA tem marcadores que especificam o nível do autismo: nível de gravidade 1- exigindo apoio; nível de gravidade 2 – exigindo apoio substancial e o nível de gravidade 3 – exigindo apoio muito substancial.

A partir dessa classificação e de avaliações minuciosas de vários profissionais, é provável que ocorra a caracterização do repertório comportamental do indivíduo com diagnóstico de TEA e o mapeamento de quais são suas maiores necessidades. Após a avaliação, é possível apresentar um prognóstico individualizado, pois como apontam as pesquisas (ASSUMPÇÃO JR.; KUCZYNSKI, 2018; CAMARGO; RISPOLI, 2013; ELIAS, 2018), os indivíduos podem apresentar diversas características e individualidades dentro do espectro, com múltiplos sintomas, variedades de manifestações clínicas e diferentes níveis de desenvolvimento e funcionamento, o que sinaliza a necessidade de programas de intervenção individualizados. Sobre esse assunto Onzi e Gomes (2015, p. 196) afirmam:

A escolha do tratamento adequado é de extrema importância, pois o TEA acompanha o indivíduo por todo seu período de vida. Assim como qualquer indivíduo, o autista é único dentro de sua singularidade, e os resultados desse tratamento serão variáveis. Eles dependerão do nível de comprometimento e da interatividade de cada indivíduo.

O histórico que perpassa esse transtorno, do momento de suas primeiras pesquisas até chegar ao que se conhece hoje como TEA, vem datando as primeiras menções em meados de 1911, sendo considerado inicialmente uma psicose infantil, e classificado como um

² A nomenclatura sintomas é usada na literatura médica. Na Análise do Comportamento ler-se sintomas como padrões de comportamentos, sejam públicos ou privados.

sintoma esquizofrênico (ASSUMPÇÃO JR.; KUCYNSKI, 2018). O diagnóstico do TEA conforme descrito no DSM-5, é realizado a partir da identificação de déficits em duas áreas principais do desenvolvimento do indivíduo: A – prejuízos na comunicação e interação social, com déficits na reciprocidade social-emocional, comunicação não verbal e habilidades de iniciar e manter interações; B – presença de padrões de comportamentos repetitivos e interesses restritos, apresentando no mínimo dois dos quatro, movimentos repetitivos e estereotipados, persistência em rotinas e rituais, interesse restrito ou com foco de intensidade anormal e hiper ou hiporresponsividade a estímulos (VARELLA; AMARAL, 2018).

Chegar ao diagnóstico precoce e específico para indivíduos, família e sociedade, se tornou uma necessidade para pesquisadores nacionais e internacionais que vem buscando traçar parâmetros com maiores evidências científicas na avaliação e eficácia no tratamento do TEA. Estudos como os de Gonçalves (2017) e Schmidt (2017) apontam que os elevados índices de diagnóstico de TEA na população em geral, têm como principais fatores, o grande avanço nas pesquisas, a maior sensibilidade dos instrumentos de investigação, aumento do número de centros de referência e o acesso ao conhecimento sobre o TEA por parte de profissionais da saúde, educação e sociedade em geral, indicando que mais crianças são diagnosticadas atualmente.

Pesquisas da última década sobre TEA (CAMARGO; RISPOLI, 2013; ELIAS, 2018; SELLA; RIBEIRO, 2018) vem apontando que, as terapias embasadas na Ciência do Comportamento têm apresentado grandes êxitos nos tratamentos psicoterápicos dos indivíduos com TEA. E a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem sido uma base empírica de grande relevância no que se refere a instalação e manutenção de comportamentos considerados saudáveis e nas modificações dos que trazem prejuízos para o indivíduo e/ou grupo no qual está inserido, apresentando resultados eficazes e dados cientificamente comprovados (SELLA; RIBEIRO, 2018). A avaliação parte de protocolos detalhados, que buscam nos eventos ambientais as motivações para os comportamentos emitidos pelo indivíduo, e então culmina na implementação de intervenções ambientais destinadas a alterar comportamentos (GONÇALVES, 2017).

A ABA aponta para a necessidade de investigar a função de cada comportamento emitido pelo indivíduo, partindo do princípio de que todo comportamento é resultado das variáveis ambientais históricas e atuais, assim como sua manutenção também é produto de consequência ambientais. Ela é definida como uma ciência que busca para avaliar, explicar e modificar o comportamento baseada nos princípios comportamentais (CAMARGO;

RISPOLI, 2013). Considerando assim apresentar um programa de intervenção, investigações têm sido realizadas utilizando os princípios da Análise do Comportamento.

A ABA provem da AC, ciência psicológica que utiliza os princípios da aprendizagem acerca do comportamento reflexo e operante elaborados por, Ivan Pavlov e B. F. Skinner, com fins de auxiliar em mudanças de problemas socialmente relevantes. Segundo Baer, Wolf e Risley (1968) é o processo de aplicação dos princípios do comportamento para melhoria de comportamentos específicos, avaliando se as mudanças observadas são atribuíveis ao processo de aplicação desses princípios. Esses autores ressaltam ainda que a pesquisa aplicada procura examinar comportamentos que são socialmente importantes em seus ambientes sociais usuais.

Entretanto, para um estudo ser considerado ABA, é necessário que atenda as dimensões da ciência empírica como proposto por Baer, Wolf e Risley (1968), sendo: aplicado, comportamental, analítico, tecnológicas, conceitualmente sistemático, efetivo e apresentar generalidade. As autoras (SELLA; RIBEIRO, 2018) explicam que:

... além da característica fundamental de se ocupar com comportamentos, estímulos e participantes socialmente relevantes, uma pesquisa aplicada precisa medir comportamentos de acordo com características quantitativas específicas e demonstrar que as mudanças de comportamentos foram devido às manipulações efetuadas, ou seja, o processo de análise é constante (p. 48).

As dimensões que constituem a ABA, podem ser descritas da seguinte forma (BAER; WOLF; RISLEY, 1968):

- *Aplicada* – o comportamento, os estímulos e/ou organismos a serem estudados é determinado pela importância, interesse, para o homem e a sociedade, ao invés da teoria;
- *Comportamental* – a pesquisa aplicada é pragmática, utilizando a medição precisa dos eventos físicos que compõem o comportamento do indivíduo durante o estudo científico;
- *Analítica* – pois requer uma demonstração tangível dos eventos responsáveis pela ocorrência ou não do comportamento. Procura então demonstrar um controle confiável de mudança comportamental utilizando a “linha de base múltipla”, onde as respostas são avaliadas e mensuradas ao longo do tempo para identificar as mudanças comportamentais ocorridas;
- *Tecnológica* – as técnicas utilizadas na aplicação comportamental são completamente descritas e identificadas, possibilitando que um procedimento seja replicado por um leitor treinado e produza os mesmos resultados;

- *Conceitual* - as técnicas dos procedimentos descritos devem buscar relevância dos princípios teóricos;
- *Eficaz* – o critério essencial da aplicação das técnicas comportamentais, é o seu poder de alterar o comportamento o suficiente para ser socialmente relevante;
- *Generalizável* – a generalidade ocorre quando é durável ao longo do tempo e aparece em ampla variedade de ambientes ou de comportamentos relacionados.

De acordo com Dittrich e Strapasson (2018), os procedimentos adotados pelos profissionais para intervir no comportamento do indivíduo com TEA, partindo dos pressupostos teóricos e aplicados da ABA, consistem em investigar através de avaliações funcionais, as variáveis ambientais que afetam o comportamento humano, para que por meio da manipulação dos eventos antecedentes e consequentes, alcancem a modificação das respostas emitidas pelo indivíduo, produzindo mudanças no repertório comportamental do indivíduo. Assim o analista desenvolve procedimentos e estratégias de intervenção, para comportamentos que requerem atenção, sejam habilidades acadêmicas, sociais ou adaptativas da vida diária.

O analista do comportamento tem como principal objetivo na intervenção tornar o indivíduo mais independente e socialmente adaptado, entendendo que as atuais pesquisas científicas ainda não identificaram “cura” para o TEA (CAMARGO; RISPOLI, 2013). Ainda referente às atribuições do analista do comportamento, está a elaboração de programas que desenvolvam habilidades, analisando a singularidade do indivíduo com TEA, para assim aprender novos comportamentos nas áreas deficitárias, sejam elas sociais, motoras, de comunicação ou autocuidado.

Alguns procedimentos de ensino comprovadamente efetivos e mais utilizados são: Ensino por Tentativa Discreta (*Discrete Trial Training* - DTT) e Estratégias de Ensino Naturalístico/Ensino Incidental. As estratégias de ensino que utilizam o DTT buscam ensinar de forma altamente estruturada, com instruções simples e destacando as propriedades que são essenciais para o cumprimento efetivo da tarefa (ALMEIDA; MARTONE, 2018). E as estratégias de Ensino Naturalístico por sua vez, focam na emissão natural do comportamento, quando as consequências mantenedoras é produto do responder do próprio organismo, assim ocorre maior probabilidade de serem generalizadas. De modo geral o ambiente que favorece esse tipo de intervenção, é o de interações sociais através de brincadeiras (SOUZA, 2018). Assim, as intervenções baseadas em ABA tem apresentado resultados comprovados nos tratamentos de indivíduos com TEA

Considerando que uma das áreas que se mostra comprometida no diagnóstico dos indivíduos com TEA é a das interações sociais e, partindo da análise da influência do ambiente social sobre o comportamento do indivíduo e do compromisso de pesquisadores no desenvolvimento de intervenções, os tópicos que se seguem apresentam uma discussão sobre o campo teórico-prático das Habilidades Sociais e a influência de práticas parentais sobre o desenvolvimento do repertório social dos filhos, para articulação desse tema junto a pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA.

2.2 Habilidades Sociais: considerações gerais

A área das Habilidades Sociais (HS), constitui-se em um vasto campo teórico-prático, que vem apontando para a importância de um conjunto de comportamentos considerados como desejáveis emitidos na interação social. As classificações de comportamentos como desejáveis ou indesejáveis variam de cultura para cultura e dentro das subculturas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Para melhor compreensão dessa temática faz-se necessário recorrer a algumas definições sobre esse constructo.

A conceituação do termo HS é adequadamente caracterizada quando se refere a um constructo descritivo de comportamentos sociais, culturalmente valorizados, que aumentam consideravelmente a probabilidade de resultados favoráveis ao indivíduo ou comunidade em que está inserido e assim contribui para um desempenho social competente nas tarefas que envolvem relações interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Essa relação interpessoal precisa necessariamente apresentar funcionalidade entre as respostas de duas ou mais pessoas em interação, onde a resposta de uma é antecedente ou consequente para a resposta de outra durante a interação de ambas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010), resultando no alcance do objetivo da tarefa sem prejuízos para a relação, seja imediatamente ou no futuro. Dessa forma, pode-se afirmar que um comportamento social, quando emitido diante de demandas, é habilidoso desde que maximizem os ganhos e reduzam as perdas nas interações sociais (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010).

As consequências dos comportamentos sociais definirão a desejabilidade ou indesejabilidade, levando em consideração os benefícios e malefícios proporcionados para o indivíduo, o grupo e a comunidade geral, formando assim dois grupos de comportamentos sociais: comportamentos sociais desejáveis e comportamentos sociais indesejáveis. Existe ainda nesta caracterização uma subdivisão dos comportamentos indesejáveis que podem ser; os *ativos* - alcançam objetivos rápidos para o indivíduo que emite tal comportamento, porém

produz consequências prejudiciais para o interlocutor. E os *passivos* são caracterizados por evitar consequências indesejáveis para o indivíduo, mas que a médio e longo prazo também causam prejuízos para este e para o grupo. Estes comportamentos tem fluxo contínuo e se mantêm em função das consequências que produzem, a curto, médio ou longo prazo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

O aprendizado das HS ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo, a partir das relações sociais estabelecidas no ambiente familiar, escolar entre outros, em que o mesmo está inserido. Portanto, é possível identificar no repertório do indivíduo recursos (habilidades aprendidas e desenvolvidas) ou déficits em HS a partir do que ele apresenta em suas interações sociais. Quando o ambiente não favorece aprendizado e o desenvolvimento das HS, surgem os déficits que ocasionam comportamentos não habilidosos na relação interpessoal, apontando para as dificuldades e falhas na aquisição das HS (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011/2017).

As relações interpessoais ocorrem em diversos contextos e em todas há necessidade de HS para desempenho de tarefas. A comunidade em geral possui populações, com necessidades interpessoais específicas. E as relações sociais que ocorrem nesses grupos apontam para a necessidade de pesquisas e intervenções focadas em HS para estes. A exemplo disso, há as interações entre pais e filhos, que requerem um repertório de HS que envolvem comunicação, expressividade e enfrentamento; as relações universitárias ou acadêmicas, que requer habilidades de falar em público e expor dúvidas, etc. (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010).

Para compreender melhor o campo teórico que abrange essa temática, Del Prette e Del Prette (2017), apresentam as HS didaticamente em forma de um Portfólio, onde torna possível identificar as classes, caracterizando os comportamentos presentes na classe descrita: 1. Comunicação, 2 – Civilidade, 3 – Fazer e manter amizade, 4 – Empatia, 5 – Assertivas, 6 – Expressar solidariedade, 7 – Manejar conflitos e resolver problemas interpessoais, 8 – Expressar afeto e intimidade (namoro, sexo), 9 – Coordenar grupo e 10 – Falar em público. Cada classe de habilidade possui subclasses descritas em repertórios comportamentais que tornam possível identificar se há recurso ou déficit por parte do indivíduo, e quais são relevantes ou estão em desenvolvimento durante o ciclo de vida no qual se encontra. Esses autores propõem que ao longo do desenvolvimento o indivíduo se depara com demandas próprias de cada etapa, assim é requerido deste uma determinada habilidade a ser desempenhada na relação interpessoal.

As classes e subclasses comportamentais são estabelecidas ao longo do desenvolvimento do indivíduo e variam de acordo com a faixa etária, a cultura e as demandas imediatas. A forma como cada habilidade é emitida pelo indivíduo, permite avaliar seus possíveis *déficits* e *recursos* de repertório social e, assim, propor o aprendizado do comportamento esperado para a etapa do desenvolvimento e a situação em que se encontra. Algumas habilidades são consideradas básicas, tais como: observar e descrever comportamentos, relatar interações, fazer e responder perguntas, etc. e estão presentes em várias outras classes de comportamentos, possibilitando a emissão de comportamentos sociais que alcancem os objetivos sem prejuízos nas relações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Outro conceito que se torna fundamental para o campo das HS é o da Competência Social (CS), pois é a partir dele que verifica-se a qualidade dos processos das relações interpessoais durante uma realização de tarefa, avaliando a qualidade do desempenho e seus resultados imediatos e de médio e longo prazo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010). E para Del Prette e Del Prette (2017, p.37) a:

Competência Social é um construto *avaliativo* do desempenho de um indivíduo (pensamentos, sentimentos e ações) em uma tarefa interpessoal que atende aos objetivos do indivíduo e às demandas da situação e cultura, produzindo resultados positivos conforme critérios instrumentais e éticos.

Partindo disso, observa-se o destaque do caráter avaliativo da CS para um comportamento ou conjunto de comportamentos que resultem em desempenhos efetivos nas tarefas sociais, a curto, médio e longo prazo, para indivíduo e grupo social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017/2010). Enfatiza ainda que o desempenho socialmente competente depende da coerência entre os comportamentos abertos e encobertos, estando estes de acordo com as regras do grupo social que participa.

A efetividade do desempenho está em alcançar os resultados desejáveis na tarefa interpessoal. E a avaliação da efetividade faz-se por meio de um conjunto de critérios: a) Consecução do objetivo; b) Manutenção/ melhora da autoestima; c) Manutenção/ melhora da qualidade da relação; d) Equilíbrio de poder entre os interlocutores e e) Respeito/ ampliação dos direitos humanos interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Os critérios mencionados caracterizam um comportamento competente e contemplam, tanto o indivíduo como o interlocutor que participa quando este apresenta comportamentos bem sucedidos e que alcançam os objetivos, mantendo uma relação reforçadora na interação.

Considerando o tema deste estudo, faz-se importante e necessário, apresentar discussões acerca das HS em diversos campos das relações interpessoais. Observando assim

que as relações familiares são os primeiros modelos de HS que os filhos têm acesso, e a relação familiar tem fundamental importância no desenvolvimento global desses indivíduos.

2.3 Habilidades Sociais de pais e importância no desenvolvimento de crianças com TEA

O desenvolvimento humano ocorre durante todo o ciclo de vida do indivíduo, as relações interpessoais acompanham esse desenvolvimento e na interação social é possível observar a necessidade de aprendizado e refinamento de comportamentos sociais nos diversos grupos da sociedade. As HS se organizam dentro destes ciclos, nos papéis sociais que cada indivíduo assume ao longo da vida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Os papéis sociais estão relacionados aos padrões comportamentais que cada grupo assume e que é esperado para execução de determinadas funções, dentro da comunidade em que está inserido. Estes comportamentos são esperados entre os pares envolvidos nas relações sociais, que podem ser complementares como: pais e filhos, cônjuges, professor e alunos e diversos outros grupos em interação em variados ambientes sociais.

O foco dessa investigação está na avaliação das HS dos pais das crianças que têm o diagnóstico de TEA e que estão em intervenção ABA. Esses comportamentos sociais estão inseridos nas HSE, que são um conjunto de práticas educativas nas relações interpessoais, com o objetivo intencional de ensinar comportamentos e promover desenvolvimento do outro, seja em ambiente formal ou informal (VIEIRA-SANTOS; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2010). As classes comportamentais presentes nesse conjunto de habilidades são: expressar carinho, observar e identificar sentimentos dos filhos, dialogar, apresentar e/ou sugerir atividades consequenciando a atividade, propor problemas e jogos, orientar tarefas, mediar interação com outras pessoas, incentivar feedback e gentilezas dos filhos com outras pessoas, discutir valores, normas e regras, incentivar autonomia, reciprocidade e empatia dos filhos (DEL PRETTE, 2017). A literatura aponta ainda algumas das principais características das HSE: a) comunicação, expressividade e enfrentamento; (b) estabelecimento de limites (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010). As práticas educativas possibilitam que a relação entre pais e filhos tenha a função de aprendizagem, colocando os pais na função de ensinar os comportamentos sociais que são esperados pela sociedade da qual fazem parte. Del Prette e Del Prette, 2017 p.70, descreveram essas características da seguinte forma:

Expressar carinho com os filhos, observar e identificar sentimentos e comportamentos dos filhos, dialogar, apresentar e/ou sugerir atividades, estabelecer e liberar consequências, propor problemas e jogos, encorajar, orientar tarefas escolares, incentivar *feedback* e gentilezas do filho em relação a outros, discutir valores, normas e critérios de convivência, incentivar a autonomia, a reciprocidade e empatia dos filhos.

O ambiente social no qual a criança está inserida, é de fundamental importância para o desenvolvimento e refinamento das habilidades interpessoais, que são necessárias para tarefas sociais da comunidade que vive. Um ambiente social desfavorável proporciona os déficits de aprendizado dessas habilidades assim como, um ambiente que estimula e propõe interações habilidosas com competência social adequada, possibilita recursos para o indivíduo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

As características do ambiente familiar são de grande importância para estabelecimento de relações parentais afetuosas entre pais e filhos (FANTINATO; CIA, 2015). A partir disso é possível afirmar que, a aprendizagem dos filhos, está diretamente relacionado aos comportamentos sociais emitidos pelos pais na relação familiar (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2011). Essa relação é descrita como: práticas parentais, práticas educativas, práticas de cuidados, cuidados parentais. Colocando a relação entre pais e filhos como uma relação envolvida por necessidade de cuidar, educar e promover o desenvolvimento do filho (MACARINI et al., 2010). Já Bolsoni-Silva e Loureiro (2010) destacam que os comportamentos dos pais serve de modelo para os comportamentos dos filhos tendo relação direta com o desenvolvimento e aprendizagem do outro.

O estudo de Fantinato e Cia (2015) com pais, apontou que, quanto melhor a avaliação das HSE destes, menor o índice de comportamentos problemáticos dos filhos, possibilitando afirmar que, os comportamentos parentais, dialogar, negar pedidos e dar explicações, brincar, interagir com a criança, aumentam os comportamentos habilidosos das crianças e a melhora no desempenho de tarefas cotidianas. As práticas educativas, podem ser classificadas como positivas e/ou negativas, consistindo as positivas em comunicação, expressão de sentimentos e opiniões, o estabelecimento de limites, cumprir promessas e admitir erros consistentemente com a finalidade de manter interação positiva com o indivíduo (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2010). Para estabelecer esses comportamentos é necessário um repertório habilidoso suprimindo assim, práticas parentais negativas tais como, negligência, ausência de atenção e afeto, e punições inconsistentes, causando prejuízos a aprendizagem da criança (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2011).

O estudo feito por Rocha e Del Prette (2010), afirma que as famílias tem papéis ativos e essenciais na educação dos filhos, e que esses pais compartilham com a escola a

responsabilidades de inserir a criança no ambiente escolar e tornar a participação deles efetivas em atividades sociais. Para isso necessitam desempenhar com competência as habilidades necessárias para interação da criança com os ambientes que frequentam, seja escola ou outros grupos sociais. As autoras colocam em foco ainda, que os pais lidam com situações cotidianas onde o conjunto das HS desempenhadas com CS são primordiais. Além disso, com demandas de profissionais da saúde, escolares, parentes próximos e vizinhança, entre outras situações em que as habilidades são necessárias aos pais, para manejar comportamentos dos filhos e conduzir a interação social de forma adequada.

O estudo de Cardozo e Soares (2010) teve o objetivo de comparar e correlacionar HS dos pais com filhos com retardo mental, utilizou como instrumentos os questionários: “Critério Brasil”, “Qualidade da interação familiar na visão dos pais” e “Inventário de habilidades sociais”. O resultado apontou que os pais obtiveram melhores resultados em habilidades de: enfrentamento e autoafirmação, e as mães com resultados superiores em, conversação e desenvoltura social, apresentando modelos assertivos para seus filhos e incentivando a participações em atividades em contextos sociais. A conclusão dos autores foi que, os pais em geral apresentam mais habilidades assertivas e as mães melhores habilidades de conversação e desenvoltura social.

Rocha, Del Prette e Del Prette (2013), avaliaram os efeitos de um Programa de HSE sobre o repertório social e instrucional dos pais e sobre as HS, problemas de comportamento e competência acadêmica de filhos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esse estudo apresentou constatações teóricas referentes aos problemas comportamentais apresentados pelas crianças com TDAH, e conseqüentemente a falta de HS nas relações sociais que participavam, apontando para necessidades de intervenções no ambiente escolar, familiar, entre outros, para que a criança aprendesse como comunicar e resolver conflitos. Discorreu sobre a alternativa de intervenção comportamental nos pais para que estes atuassem como agentes de intervenção nos filhos. A amostra do estudo foram mães entre 28 e 60 anos, e os resultados indicaram que a intervenção foi efetiva e modificou os repertórios de HSE das mães e o repertório social e acadêmico dos filhos.

Os estudos utilizados nesta pesquisa, os autores apontaram a necessidade de mais investigações sobre o assunto. Essa constatação vem corroborar com a necessidade de conhecer o nível de recursos e déficits de HS dos pais e a possibilidade de desenvolver pesquisas que esclareçam as reais necessidades desses pais e conseqüentemente dos filhos, para que haja um desenvolvimento adequado das relações parentais e interpessoais tanto das crianças quanto das famílias e assim como da comunidade em geral.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar o repertório de Habilidades Sociais de pais/responsáveis de crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista.

3.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar a participação dos pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA;
- b) Caracterizar déficits e recursos de HS de pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA;
- c) Relacionar as variáveis HS e idade de pais/responsáveis de crianças com diagnóstico de TEA.

4 MÉTODO

4.1 Delineamento do estudo

O estudo referiu-se a uma pesquisa descritiva e correlacional. Descritiva na medida que buscou descrever a característica de uma determinada população por meio do uso de instrumentos e técnicas padronizadas de coleta dos dados. Correlacional pois verificou-se entre medidas diferentes das mesmas pessoas, situações ou coisas, se estas variavam juntas dependendo da variação de determinados escores. A pesquisa descritiva e correlacional tem como características, a observação dos fatos, a análise, a classificação e a interpretação dos dados sem que o pesquisador manipule variáveis (PRODANOV, 2013; SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012).

4.2 Aspectos éticos

A pesquisa foi feita em conformidade com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que descreve as diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos na Plataforma Brasil, sob apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE: 39987220.3.0000.5087) gerando o parecer nº 4.487.158. A partir deste direcionamento todos os participantes acessaram as seguintes informações; justificativas do estudo, objetivos, procedimentos e benefícios indiretos de sua participação. Essas informações foram inseridas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e ainda foi assegurado aos participantes, o sigilo dos dados pessoais, participação voluntária e a liberdade de desistência durante o processo.

4.3 Amostra

Os participantes foram 45 pais/responsáveis de crianças diagnosticadas com TEA em acompanhamento terapêutico ABA. Os critérios de inclusão e exclusão dos participantes foram: ter idade acima de 18 anos, filhos com diagnóstico de TEA e que participassem de intervenção ABA. Dados acerca da caracterização da amostra podem ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos da amostra

	Variáveis	Descrição Estatística	
		Absoluta	Relativa
Gênero	Feminino	42	93.33
	Masculino	3	6.66
Faixa etária	18 a 38 anos	25	55.55
	39 a 59 anos	20	44.44
Escolaridade	Ensino Médio Completo	2	4.44
	Ensino Superior Completo	39	86.66
	Ensino Superior Incompleto	4	8.88
Idade do filho (a)	0 a 10 anos	40	88.88
	10 a 18 anos	3	6.66
	Acima de 18 anos	2	4.44

4.4 Instrumento

- **Inventário de Habilidades Sociais 2 (IHS2-Del-Prete)**: é um instrumento de autorrelato que permite caracterizar o desempenho social em diversas situações tais como: trabalho, escola, família, cotidiano, etc. Ele é composto por 38 itens que descrevem situações de interações sociais e uma provável resposta a ela, tornando possível identificar os recursos e déficits no repertório do respondente. O instrumento possui consistência interna excelente com alfa de Cronbach = 0,944, e uma estrutura de 5 fatores com consistência satisfatória alta: F1 – Conversação assertiva (alfa de Cronbach = 0,934), F2 – Abordagem afetivo-sexual (alfa de Cronbach = 0,774), F3 – Expressão de sentimento positivo (alfa de Cronbach = 0,894), F4 – Autocontrole/Enfrentamento (alfa de Cronbach = 0,840) e F5 – Desenvoltura social (alfa de Cronbach = 0,840). O instrumento possibilita o diagnóstico para uso na clínica, na educação, seleção de pessoal e treinamento profissional, é indicado para pessoas com idade entre 18 a 59 anos, com escolaridade a partir do Ensino Fundamental II e pode ser aplicado individualmente ou coletivamente.

- **Protocolo de Caracterização Individual – PCI**: instrumento com o objetivo de coletar dados sociodemográficos dos participantes: sexo, idade, escolaridade e se o filho(a) estava em atendimento ABA.

4.5 Procedimento

A coleta foi realizada de forma virtual, a partir da plataforma Formulários Google, onde ao abrir o *link* <https://forms.gle/49fv8JFr15bY51JH6> o participante acessava a solicitação para responder a pesquisa. Na primeira etapa era solicitado ao participante a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e ao final da página o participante respondia se concordava ou não em participar, aos que optaram pela resposta “sim” era dado prosseguimento para a segunda etapa - formulário de caracterização. Nessa etapa de caracterização as perguntas eram obrigatórias e selecionavam dentro dos critérios de exclusão os que seguiriam respondendo a pesquisa. Após esta etapa, os participantes passaram a responder ao Inventário de Habilidades Sociais 2 – IHS – Del-Prette. O método de coleta utilizado foi o bola de neve, onde o participante recebia via *WhatsApp* um texto com o *link* da pesquisa e a indicação de envio para outras pessoas dentro do perfil da pesquisa. O link também foi enviado para 7 profissionais coordenadores de 6 clínicas de atendimento a crianças com TEA, com solicitação para encaminhamento aos pais. Foi compartilhado com os coordenadores das clínicas a data da apresentação dos resultados da pesquisa.

4.5.1 Análise de dados:

Para análise estatística dos dados, foi utilizado o programa JASP 0.14.0.0. Os dados relativos a sexo, séries de ensino e os escores gerais e fatoriais obtidos de cada participante foram digitados em uma planilha do Excel e importados para o JASP para realização das análises. Quanto as análises estatísticas descritivas, estas foram feitas a partir do cálculo do escore total pelo somatório dos valores de todos os indicadores de frequência do instrumento. Posteriormente, para verificar as relações entre variáveis HS e idade, foram feitas análises estatísticas inferenciais de correlações (*Spearman*) entre os escores das diferentes idades (escores gerais e escores por fatores). Em seguida, computado o tamanho dos efeitos das correlações, considerando-se o seguinte critério (FIELD, 2014): fracas = abaixo de 0,3; moderadas = de 0,3 a 0,5; fortes = de 0,5 a 1,0.

As respostas do IHS2-Del-Prette foram interpretadas segundo o que determina o manual, e os resultados analisados considerando a faixa etária e gênero do respondente. As posições foram convertidas em percentil em relação ao grupo amostral de referência normativa que considera os seguintes aspectos: a) o escore total; b) os escores fatoriais; c) os valores de cada item. A conversão desses valores permitiu avaliar a existência de recursos e déficits de HS, no repertório do respondente.

A interpretação foi feita baseada na conversão dos escores em sistema de percentis relacionados aos subgrupos de referência do mesmo gênero e faixa etária. A apuração seguiu as tabelas de referências normativas que constam no manual. Assim a interpretação do escore total e dos escores fatoriais baseado na posição em percentis, em relação ao subgrupo de referência do respondente.

Tabela 2 – Interpretação dos dados segundo o manual do IHS2

Percentil	Interpretação para frequência
76-100	Repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os itens e subescalas em que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórias nesses itens.
66-75	Repertório elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos itens e subescalas em que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórias.
36-65	Bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recurso e déficit nesses itens e subescalas em que aparecem.
26-35	Repertório médio inferior de habilidades sociais, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naquelas subescalas e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
01-25	Repertório inferior de habilidades sociais. Indicativo de déficit e necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naquelas subescalas e itens mais críticos para o ajustamentos pessoal e profissional.

Fonte: Manual IHS2 – Del-Prette (2018).

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta as análises e discussões dos dados obtidos com a pesquisa considerando os objetivos geral e específicos. Para isso, a primeira organização de dados consistiu na distribuição da amostra em 4 grupos, seguindo a orientação do manual de aplicação, apuração e interpretação IHS2-Del-Prette (2018) (ver anexo 1). A Tabela 3 apresenta a distribuição da amostra considerando o sexo e idade dos pais/responsáveis de crianças com TEA.

Tabela 3 – Distribuição da amostra por sexo e idade

	Grupos	Frequência	
		Absoluta	Relativa
G1	Mulheres de 18 a 38 anos	23	51.11
G2	Mulheres de 39 a 59 anos	19	42.22
G3	Homens de 18 a 38 anos	2	4.44
G4	Homens de 39 a 59 anos	1	2.22

Por meio da análise da Tabela 3 é possível constatar que a maioria (n=42) dos participantes são de mães e sugere que, embora na atualidade os pais tenham um envolvimento maior na educação dos filhos, ainda parece ser uma responsabilidade das mulheres os cuidados e educação com os mesmos. Essa constatação alinha-se com os de outros estudos acerca do envolvimento de pais e mães na educação dos filhos, reforçando a noção de que as mães ainda exercem papel principal nas interações familiares (BOSSARDI, 2011; CARDOZO; SOARES, 2010; BARBOSA, 2015; SILVA; DESSEN, 2002). Também observa-se que houve um equilíbrio na participação das mães em relação a faixa etária, levantando a hipótese que a divulgação cada vez maior na mídia, sobre a avaliação do desenvolvimento infantil e o TEA, e a importância dos tratamentos precoces utilizando a ABA, tem chegado cada vez mais frequentemente à comunidade, levando mães a procurar por intervenção ainda na primeira infância – 0 a 3 anos (GONÇALVES, 2016) de seus filhos.

Considerando o objetivo geral dessa pesquisa que foi analisar os repertórios de HS dos pais de crianças com diagnóstico de TEA, que estivessem em tratamento terapêutico em ABA, e que os objetivos específicos foram caracterizar a participação dos pais, caracterizar os recursos e déficits nos repertório dos pais e identificar se há relação entre as HS e idades

dos pais que participaram da pesquisa. As Tabelas 4, 5, 6 e 7 a seguir apresentarão os dados dos Escores geral (EG) e dos Escores fatoriais (EF) de cada grupo acerca das HS. Os valores das médias foram convertidas em percentis segundo o manual do IHS2-Del-Prette (2018), o que permitiu a identificação de déficits e recursos em HS da amostra.

Tabela 4 – Resultados em percentis do EG e EF do G1 – mulheres de 18 a 38 anos.

Escore	Frequência				Percentil – IHS2
	Média	Mínima	Máxima	DP	
Escore Geral	87.56	44.00	109.00	18.72	65- Repertório elaborado de HS
F1 – Conversação assertiva	29.30	13.00	35.00	4.57	20- Repertório inferior de HS
F2 – Abordagem afetivo-sexual	4.26	0.00	10.00	2.88	50- Bom repertório de HS
F3 – Expressão de sentimento	23.04	8.00	30.00	6.27	25- Repertório inferior de HS
F4 – Autocontrole/ Enfrentamento	11.56	4.00	18.00	3.54	40- Bom repertório de HS
F5 – Desenvoltura social	12.56	4.00	16.00	2.55	30- Repertório médio de HS

A Tabela 4 demonstra os resultados do G1 nos escores total e fatorial em termos percentis tomando por base o subgrupo de referência disposto no manual de interpretação do IHS2 – DEL PRETTE (2018). O EG apontou repertório elaborado de HS – indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatório, permitindo discriminar que o grupo possui recursos de HS. Estudos (ROCHA; DEL PRETTE, 2010; MONDIN, 2008; LIMA *et al.*, 2014; CARDOZO; SOARES, 2011) tem apontado que pais socialmente habilitados estabelecem condições favoráveis para aprendizagem e desenvolvimento dos filhos. O G1 foi composto por mais de 50% da amostra total (n – 23), indicando, portanto, um conjunto de comportamentos essenciais para lidarem com as demandas sociais (ROCHA; DEL PRETTE, 2010). Esse resultado vai ao encontro do estudo de Glat e Duque (2003), que aponta para um alto grau de envolvimento dos pais e a integração desses filhos com necessidades especiais, em dar uma educação que possa desenvolver habilidades para garantir autonomia aos filhos.

Os resultados da Tabela 4 indicam um bom repertório para os EFs: F2 – Abordagem afetivo sexual, que engloba a subclasses de habilidades de abordagem afetivo sexual, abordar para relação sexual, apresentar-se a outra pessoa e declarar sentimento amoroso; e para F4 – Autocontrole/enfrentamento, que envolve as subclasses de autocontrole/enfrentamento, defender outrem em grupo, lidar com críticas injustas, discordar do grupo, expressar desagrado a amigos e discordar de autoridade. Essas são habilidades fundamentais para relações interpessoais que envolvem relacionamentos entre os membros da família e a busca de tratamentos para a criança com TEA. No primeiro caso, os dados apontam para relações conjugais satisfatórias ou “abertura” para relações entre os pais/responsáveis das crianças. No segundo, há uma indicação de que os pais podem funcionar como modelos para seus filhos na resolução de problemas e no trato com as situações cotidianas (CARDOZO; SOARES, 2010). Considera-se como hipótese para o autorrelato dessa habilidades o fato de terem filhos com o diagnóstico de TEA o que impõem para esses pais demandas que acabaram por promover de habilidades como *defender outrem em grupo*

Quanto a análise de F5 – Desenvoltura social, os achados apontaram para um repertório médio de HS, para essa HS as subclasses de comportamentos são: fazer perguntas a conhecidos, cumprimentar e falar a públicos desconhecidos, manter conversa com desconhecidos, discordar e abordar autoridade. Esses achados ao encontro dos de Cardozo e Soares (2010) que apontam que em função das demandas com tratamentos os pais desenvolvem habilidades de traquejo na conversação.

Os fatores F1 – Conversação assertiva, com subclasses de participar e encerrar conversação, lidar com críticas dos pais, reagir a elogio, encerrar conversa ao telefone, negociar uso de preservativo, manter conversação, abordar autoridade, pedir favores e fazer perguntas a desconhecido, recusar pedidos abusivos, falar a público desconhecido e pedir mudança de conduta, e F3 – Expressão de sentimento positivo, subclasses de habilidades de elogiar familiares, expressar carinho e bem-estar, agradecer elogios, elogiar outrem, lidar com críticas justas, cumprimentar desconhecidos e fazer pergunta a conhecidos, apontaram para um repertorio inferior de HS com déficits. Esses resultados indicam a necessidade de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para esses pais, uma vez que a literatura (CARDOZO; SOARES, 2010; KOBARG et al., 2006; BOLSONI-SILVA, 2007) afirma que pais que apresentam dificuldades interpessoais podem comprometer a qualidade das relações com os filhos e assim expor a criança a modelos de comportamentos sociais inadequados.

Levanta-se como hipótese para déficit identificado em F3 - Expressão de sentimentos positivos, o fato dos pais não observarem a reciprocidade dos filhos durante as interações

sociais aliada a situação em que esses pais/responsáveis comparam o desenvolvimento de uma criança com TEA a uma criança com desenvolvimento típico, identificando que a segunda gera mais demandas e sentimentos de frustração. Assim dificultando a emissão de sentimentos positivos.

Tabela 5 – Resultados em percentis do EG e do EF do G2 – mulheres de 39 a 59 anos.

Escore	Frequência				Percentil – IHS2
	Média	Mínima	Máxima	DP	
Escore Geral	94.31	61.00	122.00	17.63	80- Repertório altamente elaborado de HS
F1 – Conversação assertiva	29.78	23.00	38.00	4.02	40- Bom repertório de HS
F2 – Abordagem afetivo-sexual	5.21	0.00	12.00	2.99	55- Bom repertório de HS
F3 – Expressão de sentimento	25.47	13.00	32.00	4.97	20- Repertório inferior de HS
F4 – Autocontrole/ Enfrentamento	12.26	6.00	20.00	4.40	45- Bom repertório de HS
F5 – Desenvoltura social	15.15	10.00	19.00	2.79	45- Bom repertório de HS

A Tabela 5 apresenta os dados do G2 indicando no EG um repertório altamente elaborado de HS. Considerando que as HS assim como qualquer outro comportamento, são aprendidas e que mantêm relação com variáveis pessoais e culturais (DEL PRETTE, 2017), levanta-se como hipótese que o fato de G2 reunir as mães com mais idade, pode ser uma variável a ser considerada e que o nível de escolaridade da amostra (n=39) é de Ensino Superior Completo. O repertório altamente elaborado pode ser produto dessa história de vida. Quando aos escores fatoriais, o F3 – Expressão de sentimentos positivos, indicou para esse grupo um repertório inferior de HS, sugere-se que esse déficit pode ser produto de que cuidar e dedicar-se a uma criança com TEA exige abdições, tempo, desgaste físico e emocional, comprometendo a interação social na demonstração de sentimentos positivos. Esse resultado semelhante ao que parece com G1 aponta a necessidade de uma possível intervenção, para instalação ou refinamento da habilidade com fins de aprimorar as relações

interpessoais da família e conseqüentemente apresentar modelo adequado de expressão de sentimentos para a criança.

O grupo de mães nessa faixa etária foi o que melhor apresentou escores de habilidades e portanto o que mais se aproximou de um repertório altamente elaborado de HS. Porém, assim como todos os outros grupos a subescalas de habilidade no F3 é deficitária nesse grupo, o que sugere que além da hipótese apontada acima, essas mães tiveram uma história pobre de reforçamento ou de punição quando da emissão de comportamentos afetivos para expor sentimentos na relação com esses filhos. Outra possibilidade foca-se em comportamentos específicos emitidos pelos indivíduos com TEA, conforme descrito no DSM-5, que a criança apresenta déficits na comunicação e interação social, com faltas de reciprocidade social-emocional, comunicação não verbal e habilidades de iniciar e manter interações, esses pais evitam expressar por avaliar que as mesmas não são capazes de responder aos seus contatos.

Tabela 6 – Resultados em percentis do EG e do EF do G3 – homens de 18 a 38 anos.

Escore	Frequência				Percentil – IHS2
	Média	Mínima	Máxima	DP	
Escore Geral	81.00	77.00	85.00	5.65	40- Bom repertório de HS
F1 – Conversação assertiva	24.00	23.00	25.00	1.41	10- Repertório inferior de HS
F2 – Abordagem afetivo-sexual	3.00	2.00	4.00	1.41	10- Repertório inferior de HS
F3 – Expressão de sentimento	21.00	17.00	25.00	5.65	20- Repertório inferior de HS
F4 – Autocontrole/ Enfrentamento	11.00	9.00	13.00	2.82	35- Repertório inferior de HS
F5 – Desenvoltura social	13.00	12.00	14.00	1.41	25- Repertório inferior de HS

A Tabela 6 que ilustra dos dados de G3 é formada de apenas 2 pais, considerações sobre a diferença por gênero na amostra foi mencionada anteriormente, confirmando apenas que ainda há uma diferença no envolvimento com filhos entre pais e mães, Cia et al. (2006)

afirmam que os pais ficam a uma certa distância dos cuidados diários tendo maior envolvimento no lazer e atividades culturais e o estudo de Cardozo e Soares (2010) indicam que a responsabilidade com o desenvolvimento da autonomia dos filhos ainda é maior nas mães do que nos pais. Mesmo com uma amostra reduzida (n=2) optou-se por apresentar a avaliação de HS desse grupo. Os resultados apontaram para um bom repertório de HS com resultados dentro da média e equilíbrio entre déficits e recursos, alinhando-se também com os resultados do estudo citado anteriormente que apresenta que os pais apresentam repertórios habilidosos e deficitários com um certo equilíbrio (CARDOZO; SOARES, 2010).

O F4 – Autocontrole/ enfrentamento tem as subclasses de comportamentos, defender outrem em grupo, lidar com críticas injustas, discordar do grupo, expressar desagrado e discordar de autoridade. Esse fator apresentou o melhor resultado com repertório médio inferior em HS, apontado para habilidades que foram desenvolvidas pelos pais e que demonstram que alguns comportamentos interpessoais são mediados adequadamente por estes. Porém, não foi encontrado estudos que permitisse comparação com esse dado. Inferese que a relação pode estar ligada à exposição maior dos pais a situações cotidianas, seja de trabalho ou familiar, de buscar provisões para a família, padrão que vem sendo modificado ao longo da história contemporânea, com uma participação cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho (DANIEL, 2011).

Os demais fatores (F1, F2, F3 e F5) analisados indicaram resultados de repertórios inferiores de HS, sugerindo avaliação mais minuciosa com proposito de intervenção, pois quando a criança se encontra diante de pais pouco habilidosos e sem envolvimento afetivo, aumenta a probabilidade de prejuízos no desenvolvimento deste (CARDOZO; SOARES, 2011). A relação interpessoal mediada pelo grupo participante mostra-se deficitária, levando-se em consideração o tamanho da amostra não é possível comparar com o grupo de mães e portanto não há como inferir que o nível é menor que o de mães. Contudo, é possível sugerir a hipótese de que a participação dos pais foi menor devido ao menor envolvimento deste em questões relacionadas ao tratamento dos filhos com TEA, supondo que as mães tem buscado mais frequentemente por tratamentos e estudos sobre o transtorno (BOSSARDI, 2011; CARDOZO; SOARES, 2010; BARBOSA, 2015).

Tabela 7 – Resultados em percentis do EG e do EF do G4 – homens de 39 a 59 anos.

Escore	Frequência				Percentil – IHS2
	Média	Mínima	Máxima	DP	
Escore Geral	93.00	93.00	93.00	NaN	70- Repertório elaborado de HS
F1 – Conversação assertiva	28.00	28.00	28.00	NaN	10- Repertório inferior de HS
F2 – Abordagem afetivo-sexual	8.00	8.00	8.00	NaN	75- Repertório elaborado de HS
F3 – Expressão de sentimento	19.00	19.00	19.00	NaN	5- Repertório inferior de HS
F4 – Autocontrole/ Enfrentamento	12.00	12.00	12.00	NaN	40- Bom repertório de HS
F5 – Desenvoltura social	14.00	14.00	14.00	NaN	30- Repertório médio inferior de HS

O G4 (manteve a nomenclatura em respeito ao manual) foi de participante único. Um pai que se enquadrou no perfil da amostra. Nesse caso, se utilizou a nomenclatura G4 apenas em função das análises apontada no IHS2-Del-Prete. O pai participante apresentou um EG de repertório elaborado de HS, onde a maior parte dos itens obteve uma boa avaliação, este resultado se assemelha ao estudo de Cia et al. (2006) que concluiu que o pai está superando o papel de exclusivamente provedor para uma maior atuação na educação dos filhos. Os fatores deficitários foram F1, F3 e F5 as habilidades pertinentes a esses fatores sugerem que o pai respondente precisa desenvolver habilidades considerando que a família é o primeiro lugar onde a criança terá modelos de comportamentos sociais adequados (CIA et al., 2006).

Por fim, foi feita a análise da correlação entre a idade dos participantes da amostra e os dados acerca do escore geral em HS. Os mesmo são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Correlação entre HS e idade da amostra

Variável externa	IHS					Total
	F1	F2	F3	F4	F5	
<i>r</i> [95% CI]						
<i>(p)</i>						
Idade	.27[-.02,.52] (.06)	.19[-.10,.46] (.20)	.33[.04,.57]* (.02)	.10[-.19,.38] (.50)	.37[.09,.60]* (.01)	.33[.04,.57]* (.02)

p* <.05, *p*< .01, *** <.001

Observa-se na Tabela 8 uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis idade e HS, apontando que quanto maior a idade do participante maior o nível de HS apresentado por eles. A correlação moderada entre a idade e as HS no EG, F3 e F5. Esses resultados vão ao encontro de análises teóricas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017) que apontam que as HS são aprendidas e podem ser refinadas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, que várias fases da vida do indivíduo proporcionam oportunidades, por meio de tarefas e demandas, o que permite uma ampliação desse repertório, ou seja, dando oportunidades ao indivíduo de emissões de comportamentos cada vez mais habilidosos e competentes. Destaca-se também o nível de escolaridade desses participantes, a maioria (n=39) tem o Ensino Superior Completo, o que pode influenciar no desempenhos de HS.

A partir dos resultados apresentados supõe-se que as famílias que tiveram acesso à pesquisa, estejam dentro de um nível socioeconômico e escolar melhor estruturado e que fazem parte de uma camada da sociedade que tem melhores recursos, pois como mostra os dados a maior parte dos respondentes tinham nível superior incompleto ou completo. A suposição ainda de que a maior parte dos participantes possam ter sido convocados a partir de contatos de clínicas particulares em que geralmente o atendimento é mais individualizado e com instruções mais consistentes sobre o TEA e os tratamentos.

Conclui-se que, ainda que seja necessário um estudo com a ampliação da amostra, equilíbrio por gênero e considerações de variáveis sociodemográficas como escolaridade, renda, a configuração familiar/parentalidade, o acesso a intervenção em ABA e tipos de graus de TEA na relação com HS, a presente investigação alcançou os objetivos a que se propos. Uma vez que os dados permitiram identificar que os pais apresentam um autorrelato de repertório que varia entre elaborado e altamente elaborado e apontam há necessidade de

uma avaliação mais apurada acerca das HS de Expressão de sentimento positivo, com fins de apresentar um programa de Treinamento de Habilidades Sociais que venha a auxiliar na melhora de práticas parentais que sejam satisfatória para a instalação de repertórios de HS em crianças com TEA.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento humano é permeado de diversas situações que favorecem o aprendizado e desenvolvimento ao longo de toda a história de vida do indivíduo. As Habilidades Sociais fazem parte desse escopo que o acompanha e se modifica ao longo do tempo. Esse repertório de comportamentos emitidos socialmente, é aprendido, desenvolvido e refinado em todo percurso de vida, tendo seu início na infância e sendo modelado durante as relações interpessoais que a criança tem desde seu nascimento até a idade do envelhecimento. Assim, a avaliação do repertório das pessoas com quem a criança entra em contato e convive por todo seu desenvolvimento até a fase adulta se mostra imprescindível.

Crianças com TEA exigem uma atenção maior para a instalação de um repertório elaborado de HS, uma vez que o quadro clínico aponta para sérios comprometimentos nessa área. Neste sentido, torna-se essencial terem pais socialmente habilidosos, o que irá possibilitar a aprendizagem por modelação de repertórios durante as fases da vida deste indivíduo. Como afirmado por diversos estudos (VIEIRA-SANTOS; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2010; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2011) que constata que as relações parentais habilidosas proporcionam o aprendizado de HS para as crianças dando a oportunidades de relações interpessoais com chances de êxitos. Por outro lado, as relações familiares deficitárias, constituem-se como modelos para problemas de comportamentos e relações sociais deficitárias. O objetivo da pesquisa era avaliar o nível de HS dos pais/responsáveis dessas crianças e assim, verificar se havia recursos ou déficits de habilidades, assim como relacionar as HS e idade dos pais/responsáveis.

Os achados principais apontaram para uma avaliação de um bom repertório de HS, com destaque para G1 que era o grupo que continha a maior parte dos participantes. Por outro lado, também apontou a necessidade de uma avaliação mais ampla, com vários instrumentos e recursos para a subclasses de habilidades *Expressão de sentimentos positivos*, pois esta foi a que se apresentou com valores abaixo da média, com repertório inferior de HS para todos os grupos, apresentando um resultado deficitário. Levando-se em consideração a dificuldade de expressar tais sentimentos, recorrer a desconhecidos e fazer elogios, seja pertinente a esse grupo de pessoas. E que as crianças com TEA apresentam dificuldades em relacionamentos afetivos e sociais, é importante propor intervenção aos pais, para que estes se tornem modelos adequados para os filhos. A participação minoritária dos pais na pesquisa levanta a suposição de que ainda é necessário uma maior participação dos

pais favorecendo assim o desenvolvimento dos filhos, e que apesar de grandes mudanças terem ocorrido ao longo do tempo ainda existe um longo percurso para se tornar igualitária a responsabilidade de ambos os cônjuges na educação e saúde dos filhos.

Destaca-se algumas dificuldades no presente estudo, dentre elas: (1) uma escassez de estudos nacionais que permitissem ampliar as discussões teóricas da temática do autismo no campo teórico-prático das HS; (2) escassez de estudos aplicados que permitisse comparar os dados da amostra e; (3) foi realizada de forma online via coordenadores de clínicas de São Luis, não favorecendo o equilíbrio da amostra no que se refere ao gênero, o que dificultou uma análise comparativa entre pais e mães. Em contrapartida o estudo permitiu novos encaminhamentos de pesquisas para estudos futuros: (1) comparação sobre o nível de HS entre pais e mães das crianças com TEA; (2) Correlações entre HS e variáveis sociodemográficas (escolaridade, número de filhos, renda econômica); HS e tipo de tratamento ABA que os pais estão inseridos (público ou privado e HS dos pais e HS dos filhos); (3) Outra linha de pesquisa que pode ser derivada é a de avaliar repertórios de HS de outros responsáveis envolvidos na educação da criança (cuidadores, avós, tios) possam ser tomados como modelos de comportamentos socialmente adequados para a criança.

Por fim, esse estudo apresenta contribuições que podem incentivar futuras investigações que venham o auxiliar no desenvolvimento das crianças com TEA, na possibilidade de melhorar as relações familiares de crianças com TEA e seus pais/responsáveis, o que por sua vez pode ter impacto no desenvolvimento dos déficits interacionais de crianças com diagnóstico de TEA.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Christiana Gonçalves Meire de; MARTONE, Maria Carolina Correa. Ensino por tentativas discretas para pessoas com transtorno do espectro autista. *In: SELLA, A. C; RIBEIRO, D. M.(org.). Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 185-199.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSUMPÇÃO JR, F. B; KUCYNSKI, E. **Autismo: conceito e diagnóstico**. *In: SELLA, A. C; RIBEIRO, D. M. (Org.). Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista*. 1ed. Curitiba: Appris, 2018.
- BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1310980/pdf/jaba00083-0089.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- BARBOSA, Joel Antonio. Percepção dos pais de portadores de transtorno do espectro do autismo (TEA) sobre a influência do comportamento das crianças na relação entre pais e filhos. **Tese de doutorado**. Instituto de ciências da saúde, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015. Disponível: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19674/1/Joel%20Ant%c3%b4nio%20Barbosa.pdf>>. Acesso em: 10 fev. de 2021
- BARROS, S. K. S. N. Treinamento de Habilidades sociais para pais de crianças com queixas escolares. **Dissertação de mestrado**, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. UFSCAR, 2008. Disponível: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2989/1849.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- BOLSONI-SILVA, A. T; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. **Psicologia Escolar e Educacional**, 3(3), 203-215, 2000 Disponível: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/intervenotemas.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- BOLSONI-SILVA, A. T; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte) vol.16 no.2 Belo Horizonte ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200007>. Acesso em 05 set. 2019.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia**: vol. 21 nº 48, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n48/a08v21n48.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2020.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Validação do roteiro de entrevista de habilidades sociais educativas parentais (RE-HSE-P). **Avaliação Psicológica**, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n1/v9n1a08.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. **Psicologia: Teor. e Pesq.** vol.26 no.1 Brasília Jan./Mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 28 fev. 2020.

BOLSONI-SILVA, A. T. Intervenção em grupo para pais: descrição de procedimento. **Temas em psicologia**, v, 15. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v15n2/07.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2021

BOSSARDI, Carina Nunes. Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95383/289385.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 01 fev. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. **Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf>. Acesso em 09 fev. 2020.

CAMARGO, R.; RISPOLI, M. Análise do Comportamento Aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressuposto filosófico. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 639-650, set./dez. 2013. Disponível em: www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial. Acesso em 09 fev. 2020.

CARDOZO, A; SOARES, A. B. A influência das habilidades sociais no envolvimento de mães e pais com filhos com retardo mental. **Aletheia**, nº31, jan/abr 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1150/115016959005.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2020.

CARDOZO, A; SOARES, A. B. Habilidades sociais e o envolvimento entre pais e filhos com deficiência intelectual. **Psicol. cienc. prof.** vol.31 no.1. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100010>. Acesso em 25 set. 2019.

CIA, Fabiana, *et al.* Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. **Psicologia em estudo**. v. 11 nº 01, 2006. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2021

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O Social em Questão**, núm. 25/26, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5522/552256749016.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais: conceitos e campo teórico-prático**. Texto online, dez.2006. Disponível em: <<http://www.rihs.ufscar.br/>>. Acesso em 20 fev. 2020.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. Inventário de Habilidades Sociais 2 (IHS2 - Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação. 1ªed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2018.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais e análise do comportamento: proximidades históricas e atualidades. **Revista perspectivas**, vol 01nº 02, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Desktop/Abileny/Projeto%20e%20TCC/HS%20e%20AC%20proximidade%20historica%20e%20atualidades%20ok.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2020.

_____. **Habilidades sociais: programas efetivos em grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

_____. A relação entre habilidades sociais e análise do comportamento: história e atualidades. *In*: N. KIENEN, S. R de S. A; GIL, J. C; LUZIA, J; Gamba (Org). **Análise do comportamento: conceitos e aplicações a processos educativos clínicos e organizacionais** (pp. 39-53). Londrina: UEL, 2018.

DITTRICH, A.; STRAPPASSON, B. A. Bases filosóficas da análise do comportamento aplicada. *In*: SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M.(Org.). **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. 1ed. Curitiba: Appris, 2018.

DOU. Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 24 Jul. 2020.

ELIAS, N. C. Transtorno do espectro do autismo e intervenções comportamentais. *In*: GONÇALVES, A. G; CIA, F; CAMPOS, J. A. de P. P. **Letramento para o estudante com deficiência**. São Carlos: Edufscar, 2018. p. 99-113. Disponível em: <http://www.cleesp.ufscar.br/arquivos/Ledef_Letramento_eBook.pdf#page=99>. Acesso em 08 fev. 2020.

FANTINATO, A. C; CIA, F. **Habilidades sociais educativas, relacionamento conjugal e comportamento infantil na visão paterna: um estudo correlacional**. *Psico*, PUCRS, Porto Alegre, v. 46 nº 01 jan-mar, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/Dialnet-HabilidadesSociaisEducativasRelacionamentoConjugal-5632963.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2020.

FARO, K. C. A. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**. Porto Alegre, 2019. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/30080/pdf>> .
Acesso em: 01 jun. 2021.

FIELD, A. Descobrindo estatística usando SPSS [recurso eletrônico]. 2 Ed. Porto Alegre: Penso, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Descobrindo-Estat%C3%ADsticaUsando-SPSS-Field/dp/8536319275/ref=asc_df_8536319275/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379749245905&hvpos=1o1&hvnetw=g&hvrnd=15861129626332753232&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmld=&hvlocint=&hvlocphy=1032063&hvtargid=pla-812237825231&psc=1>. Acesso em 22 mar. 2021.

GLAT, Rosana; DUQUE, M. A. T. **Convivendo com crianças especiais: o olhar paterno**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xDR9AJpSEnMC&oi=fnd&pg=PA13&ots=MnVldivv8S&sig=Gg6PXXGwKPlge1BPuET9wjFc0QWc&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 09 fev. 2021.

GONÇALVES, P. da C. **Transtorno do espectro autista: protocolo de intervenção para pais em contexto ambulatorial**. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330929/1/Goncalves_PriscilaDaCosta_M.pdf>. Acesso em 06 jan. 2020.

GONÇALVES, Josiane Peres. Ciclo vital. Início, desenvolvimento e fim da vida humana. Possíveis – contribuições para educadores. **Contexto e educação**. Editora Unijuí, ano 31, nº 98. Jan/Abri. 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/Admin/Downloads/5469-Texto%20do%20artigo-28068-1-10-20161028%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/5469-Texto%20do%20artigo-28068-1-10-20161028%20(1).pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2021.

GONSALVES, E. P. **Conversas Sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.

KOBARG, A. P. R.; SACHETTI, V. A. R.; VIEIRA ML. Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. **Rev. Bras. Crescimento Desenvol. Hum.** 2006; 16(2):96-102. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n2/10.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LIMA, D. C, *et al.* **Habilidades sociais de familiares cuidadores de paciente psiquiátricos**. Estudos de psicologia I, Campinas, out/dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n4/a09v31n4.pdf>>. Acesso em 29 fev. 2020.

MALAVAZZI, D. M, *et al.* Análise do comportamento aplicada: interface entre ciência e prática? **Revista perspectiva**, v. 02. n. 02, 2011. Disponível em: <<https://revistaperspectivas.emnuvens.com.br/perspectivas/article/view/71/61>>. Acesso em 09 fev. 2020.

MACARINI, Samira Mafioletti, *et al.* Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62. N. 01, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229016557013.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTIN, Maria Aparecida Fernandes. **Grupo de suporte familiar e treino de práticas parentais e habilidades sociais para pais de crianças e adolescentes com síndrome de williams.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em:
<<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1566/1/Maria%20Aparecida%20Fernandes%20Martin.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MORAIS, P.R. **Estatística para psicólogos (que não gostam de números).** 1 ed. São Paulo: ESETEC editores associados, 2007.

MINETTO, M. F, *et al.* Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas. com desenvolvimento típico e atípico. **Educar em Revista**, n. 43, jan./mar. 2012. Curitiba: Editora UFPR, 2012. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/er/n43/n43a09.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2020.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. de F. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista caderno pedagógico**, [s.l.], v. 12, n. 3, dez. 2015. issn 1983-0882. disponível em:
<<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>>. Acesso em 29 fev. 2020.

PASQUALI, Luiz. **Delineamento de pesquisa: fundamentos estatísticos da pesquisa científica.** São Paulo: Vetor, v 2, 2015.

PEREIRA, M. B; DESSEN, M. A.; PEREIRA SILVA, N. L. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 8(2), 151-161. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27465.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

ROCHA, M. M.; DEL PRETTE Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Avaliação de um programa de habilidades sociais educativas para mães de crianças com tdah. **Acta Comportamental**, v.21, n. 3. 2010. Londrina. Disponível em:<
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/actac/v21n3/a06.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2020.

SCHMIDT, C. **Transtorno do espectro autista: onde e estamos e para onde vamos.** Psicologia em estudo, Maringá. v. 22, n 2. abri/jun. 2017. Disponível em:
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651/pdf>>. Acesso em 09 fev. 2020.

SELLA, A. C; RIBEIRO, D. M. O que é análise do comportamento aplicada. *In:* _____ (org.). **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 21-37.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. AMGH Editora, 2012.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em psicologia**. Curitiba, v. 6, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/3304-6449-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SOUZA, Ariene Coelho. Estratégias de ensino naturalísticas: ensino incidental. *In*: SELLA, A. C; RIBEIRO, D. M. (org.). **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 200-212.

STASIAK, G. R., *et al.* Qualidade na interação familiar e estresse parental e suas relações com o autoconceito, habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Revista Psico**, v. 45, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/15846>>. Acesso em 06 fev. 2020.

VARELLA, A. A. B.; AMARAL, R. N. Os sinais precoces do Transtorno do Espectro Autista. *In*: SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Análise do Comportamento Aplicada ao transtorno do espectro autista**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. P. 35 – 43.

VIEIRA-SANTOS, J.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais educativas**: revisão sistemática da produção brasileira. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(1), 45-63, (2018). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322009138_Habilidades_sociais_educativas_revisao_sistemica_da_producao_brasileira_Educative_Social_Skills_A_Systematic_Review_of_Brazilian_Production_Habilidades_sociales_educativas_revison_sistemica_de_la>. Acesso em 27 fev. 2020.

APÊNDICES

Apêndice A – CARTAS DE APRESENTAÇÃO

Prezada Coordenador, xxxxx.

Vimos, por meio desta, apresentamos a acadêmica Abileny Barbosa de Araujo Serrão do 10º semestre do Curso de Psicologia, devidamente matriculada no curso de graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que está realizando a pesquisa intitulada “**Habilidades Sociais: Um estudo com pais de crianças com diagnóstico de TEA**”.

Neste sentido, vimos solicitar sua autorização para execução da coleta de dados na Clínica xxxxxxxx. Trata-se de uma pesquisa de delineamento descritivo e correlacional, realizada com pais de crianças e adolescentes de até 17 anos. Os dados serão coletados por meio do Inventário de Habilidades Sociais 2 (IHS2) - Del-Prette, instrumento de autorrelato que permite caracterizar o desempenho social em diversas situações tais como: trabalho, escola, família, cotidiano, etc. Composto por 38 itens, que descrevem situações de interações sociais e uma provável resposta a ela, tornando possível identificar os recursos e déficits no repertório do respondente. O instrumento possibilita o diagnóstico para uso na clínica, na educação, seleção de pessoal e treinamento profissional, foi elaborado para a população brasileira.

Informamos que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e do profissional entrevistado. Ratificamos que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento desta pesquisadora em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa. Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Solicitamos também que encaminhe o instrumento de coleta dos dados virtualmente, para os pais que estejam dentro do perfil da amostra desta pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura profissional e da pesquisa científica em nossa região. Colocamo-nos à vossa disposição para maiores informações.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

São Luís, 06 de Novembro de 2020.

Catarina Malcher Teixeira
Professora Orientadora

Abileny Barbosa de A. Serrão
Acadêmica Pesquisadora

Apêndice B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “**HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com pais de crianças com diagnóstico de TEA**” sob a responsabilidade da Prof^a Dr^a Catarina Malcher Teixeira em colaboração com a discente Abileny Barbosa de Araujo Serrão. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o repertório de Habilidades Sociais de pais de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. As HS são uma forma de comportar-se que implica em emitir comportamentos habilidosos em demandas sociais, em que maximizem os ganhos em situações de relações interpessoais.

Os critérios para participar são: pai, mãe ou responsável legal de criança ou adolescente com diagnóstico de TEA, ter idade igual ou superior a 18 anos, participar de intervenção em ABA.

Caso você NÃO se encaixe em algum destes critérios e/ou grupos, por favor, informe a pesquisadora.

I. Ao assinar este termo, **você declara estar ciente** dos seguintes pontos:

- a) Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (CEP/UFMA) (CAAE: XXXXXXXXXXXXX) e aprovada sob o número XXXXX.
- b) A participação consistirá no ato de resposta a dois instrumentos que possuem o intuito de coletar dados sociodemográficos e situações cotidianas que possuem relação com a Habilidades Sociais. As instruções sobre como responder serão fornecidas pela pesquisadora;
- c) Você pode recusar a participação ou retirar o seu consentimento em qualquer momento e em qualquer fase de realização da pesquisa, sem implicação de penalidade ou prejuízos para si;
- d) A participação é voluntária, portanto, não haverá nenhum custo para participar, assim como não haverá remuneração ou gratificação envolvidas;
- e) São assegurados o sigilo e a preservação da identidade das participantes;
- f) Os riscos à sua integridade física e psicológica são mínimos. Você poderá sentir cansaço e/ou desconforto ao responder a pesquisa. Nesse caso, poderá fazer uma pausa para descanso ou optar por encerrar a sua participação, se assim preferir;
- g) Caso se sinta desconfortável e/ou constrangida com alguma questão, você tem o direito de não respondê-la;
- h) A pesquisadora estará disponível e poderá ser solicitada a qualquer momento para fornecer auxílio e/ou esclarecer possíveis dúvidas;
- i) Caso haja alguma consequência em decorrência do responder à pesquisa, a pesquisadora poderá ser contatada e fornecerá os devidos direcionamentos para sanar o dano;

- j) Os benefícios desta pesquisa não são imediatos aos participantes. Ao participar você estará contribuindo para o desenvolvimento e expansão dos estudos na área das Habilidades Sociais e TEA. Caso possua interesse, ao final da pesquisa você poderá ter livre acesso aos resultados;
- k) Este termo consiste em duas vias idênticas, que serão devidamente assinadas, onde uma ficará com você e a outra com a pesquisadora;
- l) Recursos ou reclamações relacionadas à pesquisa devem ser endereçadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFMA). Endereço: Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, PPPG, Bloco C Sala 07. E-mail para correspondência: cepufma@ufma.br. Telefone: (98) 3272-8708.

Dessa forma,

Eu declaro que li, compreendi e estou de acordo com todos os pontos expostos neste documento. Autorizo a utilização e divulgação dos dados coletados referentes à minha participação, de forma que a preservação da minha identidade está assegurada

São Luís, _____ de _____ de 2020

Assinatura da participante

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES

Catarina Malcher Teixeira
catarinamalcher@hotmail.com
(98) 3219-3175

Abileny Barbosa de Araujo Serrão
araujo.abileny@gmail.com
(98) 99612-6580

Endereço da instituição proponente: Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Avenida dos Portugueses, 1966, Bacanga, São Luís MA, CEP 65080-805